

A estética acelerada de edição em microvídeos no TikTok¹

Yves Hanadriel Mane Franues Machado²

Carlos Renan Samuel Sanchotene³

Resumo Expandido em Painel Temático

Desde as origens do cinema, a montagem ocupa um papel central na constituição do sentido fílmico e na construção da experiência do espectador. Ao organizar planos e fragmentos de imagem e som, o cinema também ordena o tempo e a percepção. Essa operação, que nasce da materialidade do corte, expande-se historicamente até o presente, quando a aceleração dos meios digitais transforma a montagem em um princípio cultural e cognitivo que ultrapassa o cinema e estrutura a própria experiência cotidiana. Nesse sentido, o presente trabalho objetiva compreender como a estética acelerada de edição constrói micro-narrativas a partir do filme *Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo* no TikTok.

A montagem, como aponta Eisenstein (2002), é a “colisão de planos” que gera um novo significado, uma síntese visual e conceitual que não está contida em nenhum dos fragmentos isoladamente. Essa formulação coloca o cinema como uma arte essencialmente dialética, na qual o sentido emerge do conflito entre imagens. Deleuze (1985), ao desenvolver suas categorias de imagem-movimento e imagem-tempo, demonstra que o cinema moderno rompe com o encadeamento sensório-motor do clássico. A montagem deixa de ser o elo que conecta ações e passa a revelar a duração, a memória e o virtual. O tempo, antes subordinado à narrativa, torna-se autônomo. Esse deslocamento tem implicações profundas para a estética contemporânea, pois introduz a ideia de que a imagem pode pensar, isto é, pode produzir sentido não pela continuidade, mas pela coexistência de fragmentos heterogêneos.

¹ Trabalho apresentado no Eixo Temático Algoritmização do consumo e dos comportamentos em rede, economia da atenção do XVIII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Faculdade Cásper Líbero - FCL, realizado nos dias 11 a 13 de novembro de 2025.

² Estudante de Publicidade e Propaganda na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG – Divinópolis), e-mail: yveshanadriel@gmail.com

³ Pós-doutor em Comunicação (UFSM). Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA). Professor de Publicidade e Propaganda e Jornalismo (UEMG – Divinópolis), e-mail: carlos_sanchotene@yahoo.com.br

No contexto digital, essa concepção se intensifica. O que Deleuze (1983) descreve como “cristal do tempo”, a coexistência do virtual e do atual numa mesma imagem, encontra sua materialização radical nas plataformas de fluxo contínuo, como o TikTok. A experiência contemporânea do tempo é marcada por uma intensificação da velocidade, da fragmentação e da dispersão perceptiva, fenômenos que reconfiguram nossas formas de narrar, compreender e habitar o mundo.

O advento do capitalismo digital, como observa Pereira (2024), introduziu um novo regime de temporalidade baseado na aceleração e na captura atencional, consolidando-se nas plataformas sociais e nos sistemas algorítmicos que mediam nossas práticas cotidianas. Esse regime, denominado pela autora de “ambiente digital de alta frequência”, expressa uma cronopolítica da aceleração em que o tempo é governado por algoritmos que não apenas organizam o fluxo informacional, mas também modulam o comportamento humano, orientando desejos, afetos e percepções. A montagem, aqui, não se dá mais apenas entre planos fílmicos, mas entre estímulos sensoriais de curta duração: vídeos, sons, textos, gestos e reações que se sucedem em ritmo vertiginoso. O usuário não é mais espectador de um filme, mas agente dentro de uma montagem infinita, onde o corte é automatizado e incessante.

A aceleração, portanto, não é apenas uma característica técnica ou estética, mas uma lógica estrutural das sociedades digitais. No caso do TikTok, essa temporalidade acelerada manifesta-se em múltiplas camadas no ritmo dos vídeos curtos, na rapidez do consumo, na instantaneidade das reações e, sobretudo, na capacidade do algoritmo de personalizar conteúdos em tempo real. Essa arquitetura de alta frequência produz uma experiência temporal marcada pela hiperestimulação, na qual o sujeito é continuamente interpelado por fragmentos audiovisuais de curta duração que se sucedem em fluxo infinito.

Essa lógica de aceleração, contudo, não se limita a um aspecto técnico, mas transforma profundamente a própria linguagem audiovisual. Como observa Chaves (2022), nos microvídeos do TikTok o corte deixa de ser um elemento de articulação racional para tornar-se um gesto de impacto. A montagem, antes orientada pela narrativa linear, passa a ser guiada por impulsos afetivos e rítmicos, instaurando uma estética da instantaneidade. Desse modo, o TikTok não apenas reproduz uma estética da velocidade, mas institui uma verdadeira economia do tempo, na qual a

atenção torna-se o recurso central e o comportamento do usuário é modelado segundo parâmetros de engajamento e retenção.

A aceleração técnica e perceptiva traduz, assim, o próprio modo de vida contemporâneo, caracterizado pela compressão temporal e pela multiplicidade de estímulos. Cada microvídeo se configura como uma narrativa condensada, uma microestrutura sensorial que reflete a lógica das redes: intensa, breve e substituível. Chaves (2022), ao investigar o papel da montagem nos microvídeos do TikTok, demonstra que o corte, elemento estruturante da narrativa cinematográfica desde Eisenstein, assume novas funções e intensidades no contexto digital. A montagem, antes compreendida como princípio de articulação racional e poética dos planos, torna-se, nas plataformas de vídeos curtos, um dispositivo de impacto e instantaneidade. O TikTok opera por meio de cortes abruptos, efeitos visuais e transições rítmicas que comprimem a experiência narrativa, substituindo a continuidade clássica do cinema por uma estética da interrupção. Pereira (2024) enfatiza que essa temporalidade é circular e repetitiva, um loop contínuo que prende o usuário na sucessão infinita de fragmentos.

Dessa forma, a aceleração técnica e perceptiva traduz o próprio modo de vida contemporâneo, caracterizado pela compressão temporal e pela multiplicidade de estímulos. Cada microvídeo se configura como uma narrativa condensada, uma microestrutura sensorial que reflete a lógica das redes: intensa, breve e substituível. Chaves (2022) identifica que os vídeos curtos dependem da montagem descontínua e do uso de sons, filtros e transições para manter a atenção do espectador. Essa estética acelerada de edição constrói micro-narrativas que duram segundos, mas condensam emoções e mensagens completas, frequentemente associadas a tendências virais, memes ou coreografias.

Essa convergência entre a aceleração temporal descrita por Pereira (2024) e a montagem fragmentada analisada por Chaves (2022) permite compreender o TikTok como uma forma emblemática de narrativa acelerada. O tempo de fruição torna-se quase inexistente: não há intervalo para reflexão, apenas a imersão contínua em um fluxo audiovisual que se autorregula. A montagem, nesse contexto, é inseparável do algoritmo, pois o sistema de recomendação personaliza não só o conteúdo, mas também o ritmo de consumo. O usuário é continuamente “treinado” pelo algoritmo, ao mesmo tempo em que o treina, num ciclo recursivo de feedback

instantâneo (Pereira, 2024). Essa retroalimentação permanente transforma a própria noção de autoria: o sujeito já não é um narrador, mas um operador de cortes, um agente de remix que reorganiza signos pré-existentes em formatos de consumo rápido.

A narrativa acelerada que emerge dessas práticas audiovisuais reflete uma transformação mais ampla da cultura da imagem. O espectador, outrora passivo, torna-se um sujeito multitarefa, cuja atenção é dispersa por múltiplas janelas de estímulo. Como observa Chun (2021), a personalização extrema cria bolhas atencionais hipercentradas, nas quais o indivíduo é simultaneamente produtor e produto de dados. A aceleração, assim, não é apenas estética, mas política: o tempo torna-se um campo de captura e exploração.

Chaves (2022) mostra que essa forma de montagem cria uma nova gramática audiovisual. A lógica dos cortes, jump cuts, smash cuts, transições rápidas, substitui a progressão narrativa por uma lógica de associações sensoriais e afetivas. O som, elemento crucial, opera como guia rítmico da experiência: músicas virais e efeitos sincronizados aos gestos corporais estabelecem um regime de percepção coreográfico, no qual o corpo do usuário é parte da própria montagem. Essa integração entre corpo, som e imagem exemplifica o modo como a narrativa acelerada reorganiza o sensível, transformando a experiência estética em resposta fisiológica.

O filme *Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo* (Everything Everywhere All at Once, 2022), dirigido por Daniel Kwan e Daniel Scheinert, é um exemplo paradigmático dessa estética da aceleração. A narrativa se estrutura a partir de um princípio de simultaneidade e fragmentação radical. A protagonista, Evelyn Wang, transita por múltiplos universos paralelos em ritmo vertiginoso, experimentando uma sobreposição de realidades que espelha a própria experiência do sujeito contemporâneo imerso em ambientes digitais. A montagem, conduzida por Paul Rogers, utiliza cortes frenéticos, sobreposições e transições súbitas que remetem diretamente à lógica dos microvídeos de plataformas como o TikTok. O filme opera com um regime de montagem descontínua, em que a coerência narrativa é substituída por uma coerência sensorial. O espectador é convocado a experimentar a multiplicidade simultânea, em vez de acompanhá-la racionalmente.

Nesse sentido, *Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo* torna-se uma metáfora visual da condição pós-digital, em que o sujeito está permanentemente conectado, atravessado por fluxos informacionais e afetivos de alta intensidade. A montagem de Rogers não apenas reflete a

aceleração digital, mas também a comenta criticamente. Ao transpor para o cinema a estética do excesso e da simultaneidade, o filme revela o esgotamento perceptivo do sujeito contemporâneo, incapaz de sustentar uma linha narrativa contínua. O excesso de estímulos, de realidades e de informações torna-se o próprio tema da obra.

A relação entre o filme e o regime audiovisual das redes digitais não é meramente formal. Ambos compartilham uma mesma economia da atenção, na qual a fragmentação é condição de sobrevivência narrativa. No TikTok, a montagem serve para manter o fluxo atencional; no cinema contemporâneo, a aceleração torna-se recurso para reconectar o espectador saturado. A diferença, contudo, reside no horizonte crítico. Enquanto as plataformas digitais naturalizam a aceleração como forma de controle comportamental, o filme a transforma em experiência reflexiva. Evelyn, ao atravessar infinitas versões de si, confronta o vazio produzido pelo excesso de possibilidades, o mesmo vazio que o sujeito digital experimenta diante do feed infinito.

A análise conjunta dos textos de Pereira (2024) e Chaves (2022), em diálogo com o filme dos Daniels, permite perceber a narrativa acelerada como um sintoma estético de um tempo governado por algoritmos. O que antes era uma escolha estilística, a aceleração do corte, o ritmo frenético, tornou-se um modo de vida. A montagem, antes arte de construir sentidos, converte-se em tecnologia de captura. Contudo, o cinema, ao reapropriar-se dessa estética, pode também ressignificá-la, transformando o caos em possibilidade de pensamento. Em Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo, o excesso é levado ao limite para, paradoxalmente, revelar a necessidade de pausa, de atenção e de presença.

Assim, a narrativa acelerada contemporânea deve ser compreendida não apenas como forma estética, mas como sintoma social. Ela exprime a tensão entre o desejo de totalidade e a impossibilidade de síntese, entre a promessa de conexão e a experiência da dispersão. O TikTok e o filme compartilham o mesmo horizonte técnico, o da multiplicidade instantânea, mas divergem na intenção: enquanto o primeiro captura o tempo do sujeito, o segundo o devolve à consciência. A montagem, nesse duplo movimento, é tanto o instrumento da aceleração quanto o meio de sua crítica.

Palavras-chave: Montagem; Tempo; Edição; TikTok.

Referências

CHAVES, Maria Júlia Paetzel. **O papel da montagem na produção de sentido dos micro-vídeos do TikTok**. 2022. Dissertação (Mestrado em Audiovisual e Multimédia) – Escola Superior de Comunicação Social, Instituto Politécnico de Lisboa, Lisboa, 2022.

CHUN, Wendy Hui Kyong. **Discriminating Data: Correlation, Neighborhoods, and the New Politics of Recognition**. Cambridge: MIT Press, 2021.

EISENSTEIN, Serguei. **A forma do Filme**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo**. São Paulo Brasiliense, 1985.

DELEUZE, Gilles. **A imagem-movimento**. São Paulo Brasiliense, 1983.

PEREIRA, Paula Cardoso. **Ambiente digital de alta frequência: uma análise do regime de temporalidade do TikTok**. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Materialidades Digitais e Práticas Comunicacionais. In: 34º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, PR, 10 a 13 de junho de 2024.